

**SUJEITO INDETERMINADO E VPS:
CLASSIFICADOS E PLACAS DE RUA**

Jessielle Campos Miranda Jacó (UFES)

jessielle_campos@hotmail.com

Carmelita Minelio da Silva Amorim (UFES)

carmel_msa@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa desenvolvida para o projeto de iniciação científica na Universidade Federal do Espírito Santo. Temos por objetivo analisar a ocorrência de sujeito indeterminado na forma VTI (3PS) + partícula *se*, contrapondo-a à estrutura de voz passiva sintética (VPS) em anúncios classificados e placas de rua da Grande Vitória. Acreditamos que os usuários da língua interpretam ambas as estruturas como casos em que os elementos pospostos são objetos, devido à semelhança entre as duas estruturas. Nesse sentido, o elemento tradicionalmente considerado como sujeito, na voz passiva sintética, é reanalisado pelo falante como objeto direto. Tomamos como referencial teórico a linguística centrada no uso que estuda a língua sob a abordagem funcionalista e cognitivista. Como *corpora* temos anúncios classificados impressos do jornal *A Tribuna* e anúncios em placas de rua da Grande Vitória. A análise será realizada em termos qualitativos com o intuito de obter um resultado mais preciso sobre o fenômeno investigado.

Palavras-chave: Sujeito indeterminado. Perspectiva centrada no uso.
Passiva sintética. Classificados. Placas de rua.

1. Introdução

Dentre os tipos de sujeitos elencados pela tradição gramatical, o sujeito indeterminado e o sujeito paciente da passiva sintética despertam a atenção pelas semelhanças formais que apresentam. Tanto um quanto o outro apresentam verbos acompanhados do elemento *se*, que respectivamente, denominam-se índice de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora.

Partindo dessas semelhanças estruturais, estabelecemos como objetivo geral analisar ocorrências de sujeito indeterminado na forma VI (3 PS) + *se* (índice de indeterminação), contrapondo-as à estrutura de passiva sintética. A análise levará em conta as ocorrências dessas estruturas no gênero anúncio publicitário (classificados e placas de rua da Grande Vitória).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Os objetivos específicos são os seguintes: (1) identificar as ocorrências de sujeito indeterminado na forma VTI + *se* e de estruturas de voz passiva sintética, em anúncios (classificados e em placas de rua da Grande Vitória); (2) elencar as diferenças estruturais desses dois tipos de construções; (3) contrapor ocorrências de sujeito indeterminado na forma verbo transitivo indireto + partícula *se* com estrutura de passiva sintética nesse gênero.

À luz dos pressupostos teórico-metodológicos do funcionalismo, buscamos identificar como e quando ocorrem as construções de sujeito indeterminado e de voz passiva sintética, os quais serão analisados a partir da observação do uso efetivo da língua.

Gêneros textuais definem-se como diversos de textos encontrados na vida diária, apresentando padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, cognitivas. (MARCUSCHI, 2003)

Para Marcuschi (2003), gênero textual refere-se a textos materializados em situações comunicativas recorrentes, são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Entre os diversos e variados gêneros existentes na sociedade, o anúncio publicitário é um dos mais comuns e destaca-se por apresentar-se sob variadas formas e alcançar uma significativa quantidade de pessoas. Dentre essas formas, este trabalho tem como foco os anúncios classificados, veiculados em jornal impresso e *online*, e os anúncios veiculados em placas de rua.

Costa (2009, p. 70) define classificado como um anúncio de pequeno formato, sem ilustração, com mensagem de compra, venda ou aluguel, oferta ou procura de empregos ou serviços profissionais entre outros. Esse tipo de anúncio apresenta linguagem curta e objetiva, estilo telegráfico e abreviado e fonte pequena, pois o espaço é pago de acordo com a quantidade de linhas e é veiculado, em geral, em jornais e revistas.

As placas de rua, por sua vez, são consideradas um suporte, em formato de tabuleta, feitas de qualquer material que pode trazer uma inscrição. (COSTA, 2009, p. 167)

A abordagem centrada no uso da linguagem baseia-se na concepção de língua como instrumento de comunicação, e as ocorrências linguísticas devem ser estudadas, compreendidas e descritas por meio de

uma análise global, considerando não só os elementos estruturais básicos da frase, mas também fatores relacionados à situação comunicativa, tais como, o contexto pragmático, previsibilidade e frequência de uso.

Furtado da Cunha et al. (1999, p. 23) destaca que “a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso”. Desse modo, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa, sendo uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema.

2. O sujeito indeterminado nas gramáticas tradicionais

Para as gramáticas tradicionais, a língua portuguesa dispõe de três maneiras diferentes para indeterminar o sujeito:

- a) Com verbo na 3ª pessoa do plural: o verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração). Exemplos:

Procuraram você por todos os lugares.

Estão pedindo seu documento na entrada da festa.

- b) Com verbo ativo na 3ª pessoa do singular, seguido do pronome *se*: o verbo vem acompanhado do pronome *se*, que atua como índice de indeterminação do sujeito. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular. Exemplos:

Vive-se melhor no campo. (Verbo Intransitivo)

Precisa-se de técnicos em informática. (Verbo Transitivo Indireto)

No casamento, sempre se fica nervoso. (Verbo de Ligação)

- c) Com o verbo no infinitivo impessoal. Exemplos:

Era penoso estudar todo aquele.

É triste assistir a estas cenas tão trágicas.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Segundo Rocha Lima (1998), a língua vale-se de dois expedientes para indeterminar o sujeito: o primeiro é o emprego do verbo na terceira pessoa do plural sem referência anterior ao pronome *eles* ou *elas*, e a substantivos no plural; o segundo é o uso do verbo na terceira pessoa do singular acompanhado da partícula *se*, desde que o verbo seja intransitivo, ou traga complemento preposicionado.

Para Said Ali (1957, p. 104), nas frases “nesta terra grita-se e trabalha-se”; “faz-se de tudo e em tudo se desfaz”; “vive-se enfim, miseravelmente e na miséria se morre”, “tão perfeito é o paralelismo das formas verbais tendo o reflexivo *se*, como é o paralelismo da noção de atividade expressa por essas mesmas formas”. Desse modo, segundo o autor, empregar análises diferentes, conforme a transitividade do verbo, é utilizar dois pesos e duas medidas.

Para Bechara (2001), sujeito indeterminado é o que não se nomeia ou por não se querer ou por não se saber fazê-lo. A língua portuguesa moderna indetermina o sujeito de duas maneiras diferentes: colocando o verbo da oração na terceira pessoa do plural, sem referência à pessoa determinada; empregando o pronome *se* junto a um verbo de modo que a oração passe a equivaler à outra que tem por sujeito alguém, a gente ou expressão sinônima.

A partir desses conceitos tradicionais, que, de algum modo, convergem entre si, é possível perceber que a conceituação de sujeito indeterminado se restringe a sua configuração formal e sua função puramente sintática, sem considerar qualquer outro aspecto, seja ele semântico ou pragmático-discursivo.

3. A voz passiva sintética

A estrutura de passiva sintética é definida pela ocorrência do clítico *se* unido a verbos transitivos diretos aos quais aparece posposto um sintagma nominal com valor semântico de paciente da ação verbal, que seria, em outra estrutura, considerado o objeto direto desses verbos. Entretanto, a visão tradicional, nesses casos postula, em face da carência de um termo com valor de sujeito/agente, a existência de uma variedade de voz passiva com o sintagma nominal paciente que preenche a função de sujeito.

Kury (2003, p. 35) define a estrutura de passiva do seguinte modo:

Voz passiva pronominal (ou sintética).

50. Quando, numa oração na voz ativa com verbo transitivo direto, o agente (sujeito) é indeterminado, e o paciente (objeto direto) é um ser inanimado, incapaz de praticar a ação expressa pelo verbo, nossa língua admite, além da voz passiva composta, com auxiliar, outra construção, sintética, em que à forma do verbo na voz ativa se acrescenta, para indicar passividade, o pronome *se*.

Compare-se:

1. Voz ativa: “*Construíram* muitos edifícios” (sujeito indeterminado; verbo *construir*, transitivo direto, na voz ativa; objeto direto, paciente: *muitos edifícios*.)

[...]

3. Voz passiva com pronome *se*: “*Construíram-se* muitos edifícios” (sujeito paciente: *muitos edifícios*; verbo *construir* na voz passiva pronominal: *construíram-se*; não se declara o agente.)

Ignácio (2003, p. 40), discorrendo sobre a concordância verbal na voz passiva pronominal destaca os seguintes exemplos:

Vendem-se apartamentos populares.

Consertam-se roupas usadas.

Ensinam-se técnicas culinárias.

Dão-se aulas de português.

Para o autor, a língua portuguesa possui um recurso bastante “econômico”, o que pode ser notado quando o usuário da língua omite o agente da passiva na voz passiva sintética. Nesse caso, como o sujeito paciente vem sempre colocado depois do verbo, há uma tendência em deixar o verbo no singular, pela seguinte razão: o falante não sente essa estrutura como sendo de voz passiva, mas sim como uma voz ativa em que o sujeito lógico (agente) está apagado e o termo posposto ao verbo trata-se de um objeto direto (paciente), e, nesse caso, a concordância com esse termo se afigura estranha.

Desse modo, o falante, em vez de interpretar a oração como “Apartamentos populares são vendidos [por alguém]”, interpreta como “[Alguém] vende apartamentos populares” e essa interpretação ocorre com todos os exemplos. A partícula “se” é sentida como um expediente para “ocultar” ou para “indeterminar o sujeito”, e, nesse caso, de fato, o verbo deveria ficar no singular.

Ignácio (2003, p. 40), ainda destaca que essas estruturas concorrem com aquelas em que, de fato, o pronome “se” serve para indeterminar o sujeito, como em: *Precisa-se* de operários. Para o autor, deveria haver liberdade de concordância em casos como: *Procuram-se* (ou *procura-se*) apartamentos para alugar. Posição com a qual concordamos, uma vez que os dados encontrados no uso efetivo da língua comprovam essa interpretação.

4. *Linguística centrada no uso*

A linguística centrada no uso trata-se da junção das abordagens funcionalista e cognitivista. Entrelaçam-se desse modo, a visão de que gramática e discurso devem ser tratados conjuntamente, uma vez que eles interagem e se influenciam mutuamente, e a visão de que o comportamento linguístico reflete capacidades cognitivas que se referem a princípios, sobretudo, ligados à experiência humana no contexto de suas atividades individuais. (FURTADO DA CUNHA; BISPO & SILVA, 2013, p. 14)

Nessa perspectiva, semântica e pragmática são incorporadas às análises linguísticas, havendo uma estreita relação entre a estrutura linguística e o seu uso em situações reais de comunicação, o que significa que a gramática é influenciada pelo uso que os falantes fazem dela. Nesse contexto, a categorização conceptual e a categorização linguística são análogas, ou seja, os conhecimentos de mundo e linguístico seguem os mesmos padrões.

Um dos princípios da linguística centrada no uso e que pode explicar a diferente interpretação para a estrutura de voz passiva sintética é a metonímia. Componente básico de nosso aparato cognitivo, esse processo constitui-se de um mapeamento a partir do qual uma entidade conceitual fornece acesso à outra entidade conceitual dentro desse mesmo domínio. (HOPPER & TRAUGOTT, 2003)

A importância da metonímia é constatada no que se refere ao processo de reanálise, que decorre da contiguidade e associação conceituais entre os componentes linguísticos no uso da língua. Junto com a analogia, a reanálise fornece base para se configurarem novos padrões gramaticais.

Nesse sentido, poderíamos dizer que os usuários da língua, ao escrevem seus anúncios em placas, indicando as atividades por eles reali-

zadas em determinado ambiente, interpretam o elemento posposto ao verbo como sendo objeto, devido à contiguidade desse elemento em relação ao verbo que o antecede e pelo fato de, em geral, estruturas com verbos transitivos diretos exigirem a presença de um objeto. Além disso, os falantes entenderem que eles próprios são os sujeitos das atividades por eles executadas.

5. Metodologia e análise dos dados

Para a realização desta pesquisa a metodologia utilizada consistiu-se da coleta de dados a partir do levantamento no jornal *A Tribuna* e nas placas de rua da Grande Vitória. Além da coleta, foi realizada uma pequena entrevista que objetivou verificar empiricamente o porquê do uso da estrutura voz passiva sintética sem a concordância.

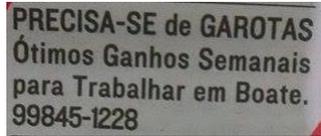
Ao longo da pesquisa foram identificadas 35 ocorrências de sujeito indeterminado na forma VTI + se, e 33 ocorrências de estruturas de voz passiva sintética. Das ocorrências com sujeito indeterminado, 20 (57%) correspondem aos anúncios classificados e 15 (43%) correspondem às placas de rua. Já as ocorrências com estruturas de voz passiva sintética, das 33 ocorrências, 5 (15%) correspondem aos anúncios classificados e 28 (85%) correspondem às placas de rua.

Estrutura	Classificados (35)	Placas de rua (33)
VI (3 PS) + se	20 (57%)	15 (43%)
VPS	5 (15%)	28 (85%)

Quadro 1 – Ocorrências de SI (sujeito indeterminado) e VPS (voz passiva sintética)

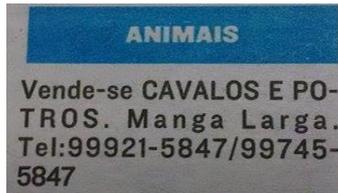
Nas ocorrências com o sujeito indeterminado, as cláusulas são formadas, seguindo a estrutura VI (3 PS) + se, acompanhada de objeto que aparece no singular ou plural. As ocorrências com a estrutura de voz passiva sintética, por outro lado, apresentam-se sem a concordância “esperada”, tanto nos classificados quanto nas placas de rua. A seguir, apresentamos alguns exemplos.





Exemplo 2:

Os exemplos 1 e 2 refletem o uso que os falantes fazem do sujeito indeterminado, no sentido de que “algo/alguém precisa de algo/alguém”. No entanto, esse sujeito é indeterminado apenas sintaticamente, uma vez que no contexto do anúncio é possível identificar o sujeito que precisa a partir do número de telefone que aparece no anúncio.



Exemplo 3:



Exemplo 4:

Os exemplos 3 e 4 são apenas duas amostras do uso recorrente da estrutura de voz passiva sintética, que não apresenta a concordância entre o verbo e o “suposto” sujeito.

Para o usuário da língua, essas ocorrências não se tratam de estrutura com sujeito posposto, mas de verbo acompanhado de seu complemento objeto, isto é, trata-se de uma estrutura simples formada por verbo singular + se + sintagma nominal (objeto), representando a voz ativa e não uma estrutura de passiva. E essa disposição estrutural atende aos propósitos comunicativos do usuário.

A partir de uma entrevista feita aos usuários dessas estruturas, verificamos que elas não são compreendidas como voz passiva, uma vez que o sujeito é identificado como o próprio indivíduo, ou seja, o agente responsável pela ação de vender, alugar etc., é aquele que desenvolve a atividade declarada no anúncio.

6. Conclusão

O estudo realizado, comparando as estruturas de sujeito indeterminado (VI (3PS) + se + objeto) e a de voz passiva sintética (VTD + se + sujeito), demonstrou que o usuário da língua tende a interpretar essas estruturas como sendo semelhantes, uma vez que reanalisa a estrutura de passiva como uma estrutura de ativa, em que, em ambas a partícula “se” trata-se apenas de um expediente para indeterminar o sujeito, que, no contexto de uso, pode ser recuperado.

Desse modo, a construção de voz passiva sintética assemelha-se à construção com sujeito indeterminado uma vez que carrega o conhecimento de que alguém conserta, poda, aluga, compra, reforma, “alguma coisa” (objeto).

A partir desse estudo, é possível se repensar o ensino dessas estruturas, apontando as semelhanças e diferenças entre elas, na tentativa de instrumentalizar o aluno para o uso efetivo de sua língua, ao entender que as formas linguísticas podem sofrer alterações, influenciadas pelo modo como o falante as usa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CONCEIÇÃO, Paula Vital da. *A construção VPS na propaganda de rua de Niterói – função e representação*. 2006. Trabalho de conclusão de disciplina (Mestrado em Letras). – UFF, Niterói.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. J. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *Delta*, São Paulo: PUC/SP, v. 15, n. 1, p. 85-111, 1999.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013, p. 13-39.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. *Análise sintática em três dimensões*. Franca (SP): Ribeirão Gráfica, 2002.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2003.

LIMA, C. H. da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. 2003. (Digitado).

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.